

III. ARTIGOS

POTES, PRATOS E CONTATOS CULTURAIS: PRÁTICAS ALIMENTARES NA NÚBIA DURANTE O REINO NOVO (C. 1.550-1.070 A.C.)

Rennan Lemos¹

Fábio Frizzo²

RESUMO: Até recentemente, a literatura especializada na Núbia do Reino Novo (1.550-1.070 a.C.) enfatizava a egípcianização das populações núbias, isto é, a adoção, quase que completa, de práticas culturais egípcias por tais populações. Nuanças desse tipo de abordagem incluíam identificar focos de resistência especialmente por parte dos chefes núbios, que escolheriam se egípcianizar como forma de obter, entre outras coisas, poder e prestígio. Hoje em dia, pelo contrário, novas pesquisas e escavações no Sudão, em sítios que datam do Reino Novo, estão revelando interações mais complexas entre as culturas egípcias e núbias no cotidiano dessas populações. Tais interações materializavam-se, entre outros tipos de objetos, em potes e pratos associados aos atos de armazenar, preparar e servir comida encontrados em sítios urbanos, sobretudo na Alta Núbia. Este artigo busca analisar as interações entre egípcios e núbios com base na coleção cerâmica produzida por escavações em diferentes sítios do Sudão e em dados bioarqueológicos relativos à dieta dessas populações à luz de uma teoria da consubstancialidade das relações de gênero, raça e classe. O objetivo é demonstrar como práticas culturais tão enraizadas como preparar, servir e consumir alimentos são difíceis de serem modificadas e guardam, portanto, um potencial de resistência cultural frente à imposição imperial de determinados costumes.

PALAVRAS-CHAVE: Núbia Antiga; Egito Antigo; Cerâmica; Imperialismo; Consubstancialidade.

ABSTRACT: Until recently, scholars approached New Kingdom Nubia (1.550-1.070 BC) on the grounds of the 'Egyptianization' perspective, which considers that local populations in Nubia adopted Egyptian cultural practices. More nuanced views of Nubia in this period included the identification of resistance foci, especially in the case of Nubian chiefs that would have chosen to 'Egyptianize' themselves as a way to obtain power and prestige. On the other hand, current research and fieldwork in Sudan are uncovering a more complex set of cultural interactions between Egyptians and Nubians. These interactions were materialised in objects such as pots and dishes associated with storing, preparing and serving food. These pottery assemblages come from

¹ Doutorando no Departamento de Arqueologia da Universidade de Cambridge, membro do Emmanuel College. Bolsista do Cambridge Commonwealth, European and International Trust. E-mail: rds13@cam.ac.uk.

² Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: fabio.frizzo@gmail.com.

several sites across Sudan, both in Lower and Upper Nubia. This paper aims to analyse the interactions between Egyptians and Nubians based on the pottery assemblages produced by excavations at different New Kingdom sites in Sudan, as well as bioarchaeological data related to the health and diet of Nubian populations. The topic will be approached through the lens of the consubstantiality of gender, race and class relationships. The paper aims to demonstrate how deep-rooted cultural practices such as foodways cannot be so easily changed. Therefore, foodways are representative of culture resistance in a context of imperial impositions.

KEYWORDS: Ancient Nubia; Ancient Egypt; Ceramics; Imperialism; Consubstantiality.

O estudo da Núbia, sobretudo no Reino Novo (1.550-1.070 a.C.), esteve tradicionalmente ancorado na nossa percepção do Egito no mesmo período. Mesmo que Adams (1977) e, mais recentemente, Smith (2014) tenham apelado aos pesquisadores para que escrevam histórias da Núbia “fora da sombra do Egito”, enfatizando lógicas próprias de construção da sociedade, só muito recentemente um panorama de interações sociais e culturais mais complexo começou a aparecer (Spencer, Stevens & Binder, 2017). Isso se deve, em grande medida, a diversas campanhas arqueológicas conduzidas nos últimos anos em vários sítios no Sudão, cobrindo da Baixa Núbia à Alta Núbia (fig. 1).



Fig. 1 – Mapa da Núbia

Na década de 1960, as campanhas de salvamento dos monumentos da Baixa Núbia, capitaneadas pela UNESCO (Säve-Söderbergh, 1979; Adams, 2007), assim como outras escavações na Alta Núbia mais ou menos na mesma época (Vercoutter, 1958), produziram uma infinidade de informações sobre diversos sítios. Antes disso, as escavações no âmbito do primeiro *Archaeological Survey of Nubia*, primeiramente lideradas por Reisner, igualmente produziram dados importantes sobre a Núbia Antiga em vários períodos, sobretudo a partir do trabalho nos cemitérios, o que ofereceu base para o estabelecimento de seriações que produziram a cronologia da Núbia (tabela 1) (Reisner, 1910; Firth, 1912, 1915, 1927).

Alta Núbia	Baixa Núbia	Egito	Cronologia
Cartum Inicial			c. 8.000–5.000 a.C.
Cartum Neolítico			c. 4.500–3.500 a.C.
Pré-Kerma	Grupo A Inicial	Naqada Ic-IIa/d	c. 3.500 a.C.
Pré-Kerma	Grupo A Clássico	Naqada III	c. 3.200 a.C.
Pré-Kerma	Grupo A Final	Unificação até a Primeira Dinastia	c. 3.000 a.C.
Pré-Kerma	Desconhecido	Reino Antigo	2.800–2.200 a.C.
Kerma Inicial	Grupo C IA, IB	Fim do Reino Antigo	c. 2.100 a.C.
Kerma Médio	Grupo C IIA, IIB	Reino Médio	2.000–1.700 a.C.
Kerma Clássico	Grupo C III	Segundo Período Intermediário	1.700–1.500 a.C.
Reino Novo			1.500–1.070 a.C.
Período Napata		Terceiro Período Intermediário	1.070–750 a.C.
		Período Tardio	750–300 a.C.
Período Meroítico		Períodos Ptolemaico e Romano	300 a.C.-350 d.C.

Tabela 1 – Cronologia da Núbia e do Egito. Fonte: Adaptação de UCL Digital Egypt

O segundo *Archaeological Survey of Nubia*, seguindo a linha do primeiro mapeamento (Emery & Kirwan, 1935), escavou diversos cemitérios, mas também sítios urbanos, produzindo uma grande quantidade de informação que serviu como base para interpretações ainda hoje cruciais para entendermos a Núbia (Trigger, 1965). Paralelamente, as escavações em Aniba, lideradas por Steindorff (1935) na mesma época, adicionaram partes importantes ao nosso conhecimento da Núbia.

Apesar de haver grandes quantidades de dados disponíveis desde muito cedo, o problema principal no que diz respeito à interpretação da Núbia em suas características próprias residiu – e ainda reside – nos próprios pesquisadores. Tradicionalmente, esses dados são interpretados à luz da grandiosidade do Egito (Vercoutter, 1959) e da egípcianização de populações locais (Säve-Söderbergh, 1941). Isso se deve não somente ao fato de interpretações mais antigas da Núbia terem sido produzidas em uma época em que se pensava diferentemente sobre temas como colonialismo e raça, mas também se deve ao próprio caráter dos dados disponíveis.

No caminho oposto às interpretações tradicionais, Adams foi um dos pioneiros, ainda na década de 1970, a pensar na necessidade de se fazer uma história da Núbia respeitando suas características – o que ainda hoje é exceção. Segundo ele, o resultado das escavações anteriores “demonstraram, desde o início, que a Núbia teve uma história arqueológica diferente da que teve o Egito e, portanto, deve ser estudada em seus próprios termos” (Adams, 2007, p. 50).

No Reino Novo, período em que o Egito dominou parte da Núbia pela segunda vez, a cultura material escavada em cemitérios e outros sítios é tipicamente egípcia. Modos núbios de enterrar os mortos foram substituídos por costumes egípcios, que vieram acompanhados de objetos egípcios ou egípcianizantes.³ (Säve-Söderbergh & Troy, 1991) É difícil, portanto, dar sentido aos dados disponíveis para além da aparente egípcianização da cultura tal como aparece na cultura material escavada por toda a extensão da Núbia.

A tendência atual das escavações no Sudão enfatiza a presença núbica nos contextos de interação cultural resultantes de emaranhamentos. Essa perspectiva teórica tem auxiliado na percepção das interações entre núbios e egípcios de uma forma mais complexa, mesmo em cenários nos quais a cultura material reflete uma egípcianização generalizada (van Pelt, 2013). As interações podem aparecer tanto como adaptações/recriações de práticas cotidianas locais com o uso de uma

³ A distinção entre o que é egípcio e o que é egípcianizante se dá na proveniência dos objetos: aqueles que vêm do Egito são, naturalmente, egípcios; no caso de objetos cuja proveniência não se pode determinar, empregamos o termo egípcianizante. Minor (2012, p. 3) aplica uma distinção semelhante, porém, para ela, objetos egípcianizantes são “concebidos com o objetivo de referenciar ou recriar um modelo egípcio”. A pesquisa de doutorado de Lemos sugere que, do ponto de vista da cultura material, é muito difícil afirmar que existiu tal intenção de ser/tornar-se egípcio. Ao contrário, havia sim, de maneira mais claramente marcada na cultura material, intenções de ser/tornar-se/reafirmar-se núbio.

cultura material externa, quanto como criações de novos objetos de um estilo único.

Ainda que tudo indique que as fontes materiais encontradas sejam egípcias, não parece sensato pensar que práticas culturais arraigadas mudariam radicalmente em poucos anos. Parece-nos mais plausível pensar que as novidades materiais e culturais importadas eram interpretadas e praticadas localmente de acordo com *habitus* locais.⁴

As práticas alimentares são um ótimo exemplo dos processos de interação cultural. Como funcionam como importantes símbolos de coesão identitária, as tradições culinárias são muito difíceis de serem modificadas completamente, adaptando-se com facilidade a novas circunstâncias, mas mantendo elementos que as caracterizam como pertencentes a uma determinada cultura.

Com o domínio da Núbia no Reino Novo, uma quantidade enorme de cerâmica egípcia/egipcianizante, feita em roda de oleiro, passou a ser encontrada em diversos sítios, incluindo cidades e cemitérios. Se comparadas aos potes núbios feitos à mão, as quantidades de cerâmica egípcia/egipcianizante são consideravelmente maiores.

No caso de cemitérios, tende-se a interpretar essa substituição de potes núbios por potes de estilo egípcio como a materialização do ritual funerário egípcio, que envolve a oferta de comida e cerveja (Säve-Söderbergh & Troy, 1991). No mesmo contexto, os potes núbios encontrados ocasionalmente são interpretados como expressão de uma identidade autóctone. No caso de assentamentos urbanos, é mais difícil de se pensar que práticas alimentares cotidianas tenham sido radicalmente modificadas com a introdução de tipos egípcios de cerâmica. Por outro lado, é igualmente difícil identificar práticas alimentares específicas puramente com base nos conjuntos cerâmicos.

No caso egípcio, há abundantes registros iconográficos e textuais, como listas templárias de oferendas e imagens funerárias, que nos dão detalhes das práticas alimentares (Rufer, 1919; Darby *et al.*, 1977; Tallet, 2015). No caso núbio,

⁴ “o sistema dos esquemas interiorizados que permitem engendrar todos os pensamentos, percepções e ações características de uma cultura, e somente estes (...) [Consiste numa] disposição geral, geradora de esquemas particulares e suscetíveis de serem aplicados em domínios diferentes do pensamento e da ação.” (Bourdieu, 2003, p. 349).

depende-se exclusivamente da cultura material, incluindo tanto as tipologias cerâmicas como também os vestígios humanos, animais e botânicos.

Considerando o quadro das complexas relações entre Egito e Núbia, trataremos de discutir as práticas alimentares núbias com base na comparação da distribuição de tipos cerâmicos tanto egípcios/egipcianizantes quanto núbios em diferentes sítios datados do Reino Novo. O objetivo principal é contextualizar melhor a permanência de práticas alimentares autóctones em contextos nos quais há adoção de padrões materiais egípcios, bem como o papel das relações sociais de gênero nesse processo.

A Núbia no Reino Novo (1.550-1.070 a.C.)

No Reino Novo, os egípcios antigos puseram em prática um projeto de ocupação que diferia de suas primeiras empreitadas em território núbio. Durante o Reino Médio (2.055-1.650 a.C.), os egípcios erigiram uma série de fortalezas ao longo do Nilo, na região da Baixa Núbia. A arquitetura dessas fortalezas mostra que, além das grandes muralhas, havia também áreas habitacionais, armazéns e cemitérios (Vercoutter *et al.*, 1975; Kemp, 2006, p. 241). Tais instalações tinham funções que superavam o caráter puramente relacionado ao domínio militar e à defesa do território contra os avanços dos núbios do reino de Kerma (Török, 2009, p. 86-87), relacionando-se também com a necessidade de manter o controle sobre os fluxos de bens de prestígio conseguidos localmente ou através de rotas que ligavam a Baixa Núbia ao restante da África subsaariana.

A descentralização política no Egito durante o Segundo Período Intermediário (1.650-1.550 a.C.) fez com que o domínio sobre a Baixa Núbia fosse interrompido. É difícil determinar até que ponto os habitantes das fortalezas do Reino Médio voltaram para o Egito (Smith, 1995, p. 137). A análise de textos ficcionais egípcios, como o *Conto de Sanehet* (Cardoso, 1994) e o *Relatório de Unamon* (Cardoso, 2000), aponta para o ideal de um enterramento em solo egípcio para que se pudesse disfrutar da pós-vida adequada. Todavia, um entrecruzamento com outros dados indica um cenário mais complexo.

Em primeiro lugar, é importante destacar que tais textos ficcionais relatam a vida de egípcios fora do vale do Nilo, o que não era o caso da Baixa Núbia. No mesmo Segundo Período Intermediário, por exemplo, parte do delta

do rio estava dominada pelos hicsos e sabemos que naquele território os egípcios continuaram a viver sob o domínio dos “príncipes estrangeiros” (Flammini, 2012). Ademais, o ideal representado na literatura certamente não abrange a totalidade da sociedade egípcia. A diferença entre as realidades de elites letradas e não-elites não corresponde à complexidade dos dados disponíveis. Por fim, alguns altos funcionários egípcios, como os vice-reis de Kush, foram enterrados na Núbia, sobretudo em Aniba (Steindorff, 1937), mesmo que a maioria das tumbas encontradas estejam localizadas no Egito, em locais como Tebas e Bubastis (Habachi, 1980). A realidade, portanto, é mais complexa do que a literatura ficcional nos faz crer.

O período conhecido como Reino Novo tem seu início marcado justamente pela reunificação do território egípcio sob o poder de um único faraó originário da elite tebana. Esse movimento deu os primeiros passos em direção ao expansionismo imperialista faraônico que começou com a reconquista do delta e da Baixa Núbia, mas não se deteve a estas marcas. Em seguida, as tropas faraônicas avançaram tanto para a Síria-Palestina quanto para a Alta Núbia. O primeiro faraó do Reino Novo já parece ter alcançado a ilha de Sai, onde foi encontrada uma estátua sua esculpida em arenito (Gabolde, 2012, p. 118-120; Budka, 2016, p. 40).

Os primeiros séculos da XVIII Dinastia foram marcados, portanto, pela empreitada imperialista egípcia, iniciada com a recuperação das fortalezas na Baixa Núbia e sua transformação em cidades fortificadas. Nesse processo, muros foram demolidos, templos, armazéns e áreas residenciais foram construídas. (Emery *et al.*, 1979, p. 15-16) Paralelamente, grandes cemitérios associados a essas cidades fortificadas floresceram (Randall-Maciver & Woolley, 1911; Steindorff, 1937; Williams, 1992).

A retomada dos territórios que haviam estado sob o domínio faraônico durante o Reino Médio não satisfaz o ímpeto conquistador dos monarcas da XVIII Dinastia. Reconhecendo o risco imposto pelo reino kushita, as tropas egípcias avançaram ao sul e destruíram a capital Kerma. Após a fase de expansão militar agressiva, o caráter do imperialismo egípcio mudou. De uma fase de expansão passou-se para um estágio de consolidação e ocupação territorial (Smith, 1995; Morris, 2018). No reinado de Tutmés III, a cidade de Dokki Gel já havia sido construída, substituindo Kerma (Török, 2009, p. 166-167), e templos

dedicados a Amon foram refundados na ilha de Sai (Vercoutter, 1973; Minault-Goult, 2007; Gabolde, 2012, p. 137).

No final da XVIII Dinastia, sobretudo a partir de Amenhotep III, os egípcios passaram a se empenhar na construção de cidades-templo na Alta Núbia. Amenhotep III mandou construir os templos de Soleb e Sedeinga (Schiff Giorgini, 1988), enquanto seu sucessor, Akhenaton, ordenou a construção de Sesebi num local no qual já se constatavam atividades anteriores ao seu reinado (Spence, 2017). Outras cidades-templo foram fundadas posteriormente, tal como Amara Oeste, que foi construída no reinado de Seti I (Spencer, 2017).

Essas cidades-templo são caracterizadas por um muro que delimitava seu espaço interno, onde se localizava um templo, armazéns, áreas administrativas e residenciais (Kemp, 1972; Smith & Buzon, 2018). Embora tenham sido sempre relacionadas principalmente à exploração aurífera local (Spence *et al.*, 2011), pesquisas recentes têm demonstrado um papel mais complexo desempenhado por essas cidades tanto no sistema administrativo imperial quanto nas interações entre egípcios e núbios (Vieth, 2018).

Do ponto de vista institucional e administrativo do império faraônico, as cidades-templo tinham um papel fundamental para a ocupação territorial e para a exploração econômica da região. Tanto o ouro quanto os demais bens de prestígio, advindos do controle sobre as rotas comerciais com a África Subsaariana, eram fundamentais para a manutenção das classes dominantes do império e sua política diplomática com grandes e pequenos reinos do sistema do Bronze Tardio no Antigo Oriente Próximo (Frizzo, 2016, p. 235-247).

A atividade econômica, todavia, não se restringia à exploração dos bens de prestígio que fluíam para outras regiões do império e além. As economias locais também foram impulsionadas (Kemp, 1978, p. 33). De fato, escavações recentes nesses sítios revelaram um panorama intenso de atividades relacionadas à produção de alimentos (Ryan, 2017), cerâmica (Budka 2017a, p. 152), metais (Auenmüller, White & Spencer, 2018), faiança (Doherty, 2013; Budka, 2017a, p. 165-166) etc., provavelmente ligadas aos templos locais, mas que também serviam às residências.

Havia, portanto, uma atividade econômica que ia do nível institucional e administrativo ao privado, como atestam os vestígios de criação de porcos dentro das casas de Amara Oeste (Dalton, 2017). Contextos similares são encontrados no

Egito, por exemplo a Vila dos Trabalhadores de Amarna (Kemp, 1987). Amara Oeste também serve como exemplo para a interação entre a cultura egípcia e a núbia tal como esta interação se reflete na arquitetura. Os habitantes de Amara Oeste modificaram suas casas, originalmente planejadas de acordo com o urbanismo típico da Núbia sob o domínio imperial, para que estas suprissem suas necessidades e expectativas (Spencer, 2014).

As coleções cerâmicas encontradas em sítios urbanos na Nubia do Reino Novo consistem em um tipo de informação importante para analisar as relações entre culturas e sociedades diferentes, especialmente sob a ótica das práticas e das pessoas que traduziam e recriavam a cultura e a sociedade no cotidiano através de seu trabalho artesanal e do uso de utensílios. Como mencionado anteriormente, a quantidade de cerâmica egípcia/egipcianizante na Núbia do Reino Novo é exponencialmente superior àquela núbia feita à mão. Esses objetos eram produzidos localmente, tal como provado pela constatação da produção local de cerâmica em sítios como Sai e Amara Oeste, mas também poderiam ser importados do Egito (Rose, 2017).

Admitindo que práticas alimentares são enraizadas no *habitus* e, portanto, difíceis de serem modificadas, o que significa essa substituição de tipos cerâmicos núbios por egípcios/egipcianizantes no âmbito das práticas alimentares e o que isso nos permite entender sobre as interações culturais entre egípcios e núbios?

A produção de cerâmica estava relacionada aos templos que consumiam tais objetos, mas também às casas, onde as pessoas armazenavam grãos e bebidas, cozinhavam, comiam e bebiam. Portanto, entender a produção e os usos desses objetos é importante para que compreendamos desde as interações mais abstratas, no nível da cultura e do sistema administrativo imperial, até o nível das relações sociais capilares dadas nas práticas alimentares, que por sua vez expressam a identidade de uma comunidade.

Dessa maneira, através da análise do corpus cerâmico encontrado em diversos sítios núbios, pretendemos entender os processos de interpretação de uma cultura que se lhe é imposta na prática, bem como as maneiras de lidar com um poder imperial de peso, materializado nas cidades-templo. Trata-se de um panorama complexo de interações que produziu adaptações, inovações e uma lógica local própria de funcionamento da sociedade.

Práticas alimentares na Núbia do Reino Novo

Os dados disponíveis sobre as práticas alimentares na Núbia do Reino Novo ainda são escassos. Porém, escavações recentes vêm produzindo novas informações. Em Amara Oeste, além da criação doméstica de suínos, a análise microscópica de vestígios arqueobotânicos revelou a presença de trigo, cevada, lentilha, melões, figos e tâmaras (Cartwright & Ryan, 2017); Em Amara Oeste, Askut, Sai e outros sítios, pesos de redes de pesca também foram encontrados, o que indica uma intensa atividade pesqueira em sítios imperiais na Núbia (Smith, 2003, p. 102; Rabo, 2014, p. 56; Budka, 2017a, p. 437). Em Askut especificamente, gado, ovelhas e bodes fazem parte da coleção de ossos de animais encontrada no sítio (Smith, 2003, p. 124).

É difícil determinar, com base nessas informações, a extensão das interações culturais dadas nas práticas alimentares. A estocagem de grãos e a criação de porcos nas casas era comum no vale do Nilo, como comprovam os vestígios arqueológicos da vila de trabalhadores de Amarna e os óstracos da vila de Deir el-Medina (Černý, 2004). A pesca também era atividade comum no Egito, bem como o consumo de animais como bois, ovelhas e bodes, especialmente em festivais religiosos.

Assim como nos contextos funerários, a cultura material ligada à vida cotidiana urbana sugere, à primeira vista, uma homogeneização das práticas, corroborando, *a priori*, o argumento da egípcianização da cultura nesses sítios. (Säve-Söderbergh & Troy, 1991). Tais tipos de dados vão ao encontro dos discursos propagandísticos elaborados pela estrutura estatal faraônica para justificar a dominação imperial. As fronteiras identitárias com a Núbia eram marcadas pelo discurso hierárquico da “miserável Kush”, no qual os núbios aparecem como rebeldes representantes do caos que deveriam ser submetidos à ordem pelos egípcios (Smith, 2003; Anthony, 2016; Vieira, 2018).

Entre as categorias de objetos do cotidiano que também são encontradas em contextos urbanos estão ferramentas, adornos, utensílios cosméticos, outras vasilhas feitas em rocha, estatuetas rituais etc (Smith, 2003, p. 97 *passim*; Budka & Doyen, 2012, p. 184-185; Budka, 2017a, p. 436; Stevens 2017). O estilo desses objetos é, muitas vezes, tipicamente egípcio, da mesma maneira que ocorre em cemitérios. Consequentemente, torna-se difícil entender as interações culturais

entre egípcios e núbios diante da egipcianização da cultura material. Objetos como adornos e utensílios cosméticos encontrados em diversos sítios na Núbia do Reino Novo seguem, no geral, padrões egípcios (fig. 2). Porém, isso não significa que as práticas por trás do uso de tais objetos fossem puramente egípcias (Lemos, 2018).



Fig. 2 – Objetos egípcios/egipcianizantes do cemitério de Fadrus na Baixa Núbia.
Fonte: Fotos de R. Lemos. Cortesia do Museu Gustavianum, Universidade de Uppsala

A análise da frequência de tipos cerâmicos e sua contextualização, por outro lado, revela um panorama mais complexo de interações culturais dadas nas práticas alimentares, para além da homogeneização sugerida pela maioria dos tipos egípcios entre outras categorias de objetos. Embora a quantidade de objetos egípcios/egipcianizantes confirme a existência de um processo de desproporção de poderes, refletido no conceito de egipcianização, isto não significa a inexistência de objetos únicos, sem paralelos no Egito. Exemplos disto são os *shabtis* encontrados na tumba S32 em Aniba (Freier, 1993; Näser, 2017, p. 561). Itens importados do Egito também poderiam sofrer modificações locais (Smith & Buzon, 2017, p. 624).

No caso das práticas alimentares, grãos e outros alimentos precisavam ser processados, armazenados, preparados e servidos. Essas atividades estavam estritamente relacionadas à produção e ao uso de cerâmica (Budka, 2018). O estudo da cerâmica encontrada em sítios arqueológicos revela aspectos diversos da sociedade, tais como trocas e comércio, dinâmicas produtivas, exploração de materiais etc. Porém, o estudo da cerâmica ilumina, sobretudo, o âmbito da

prática cotidiana das interações culturais entre egípcios e núbios em um contexto de colonização.

Em sítios como Askut, Buhen, Sai e Sesebi, tipos egípcios dominam as coleções cerâmicas. Isso não quer dizer, entretanto, que práticas relacionadas ao ato de comer, servir e preparar comida mudaram radicalmente com a segunda dominação egípcia da Núbia (Smith, 2003, p. 101), já que tais práticas estavam tão enraizadas quanto aquelas relacionadas aos costumes à mesa. Costumes desse tipo modificam-se muito dificilmente e são expressões típicas de espaços sociais específicos numa cultura/sociedade, tal como desenvolvido por Bourdieu (1979). Além disso, o estudo das proporções de tipos cerâmicos egípcios e núbios, sobretudo potes utilizados para cozinhar, revela um panorama mais complexo de interações e de práticas alimentares.

Potes, pratos e interações culturais complexas

A maior parte da cerâmica escavada em diversos sítios na Núbia é de tipo egípcio, feita em roda de oleiro. Nesses sítios também se encontra cerâmica de tipo egípcia feita à mão, mas apenas nos casos de moldes, pratos e bandejas para pão (Budka & Doyen, 2012, p. 188-189). A forma principal de distinguir cerâmica egípcia e cerâmica núbia é determinar se um pote é feito à mão ou em roda de oleiro. A roda de oleiro só foi introduzida na Núbia posteriormente, no Período de Napata (744-656 a.C.). Por outro lado, também são encontradas peças de cerâmica egípcia feitas à mão, o que indica que tipos anteriormente importados eram fabricados localmente com técnicas núbias. Igualmente, cerâmicas produzidas com marga indicam potes importados do Egito, já que esse material não existe no Sudão (Rose, 2017, p. 471).

Em termos gerais, no Reino Novo, os tipos núbios de cerâmica consistem em 10% do total de fragmentos encontrados. Esse é o caso em Askut (Smith, 1995, 2003), Sai (Budka & Doyen, 2012) e Sesebi (Rose, 2012, 2017). No caso de Askut, uma fortaleza ocupada continuamente do Reino Médio ao Reino Novo, a frequência de cerâmica núbia mudou de acordo com o período histórico, o que reflete a política egípcia em relação à Núbia. Por exemplo, no Reino Médio, época de expansão militar e pouca interação com a Núbia, a quantidade de potes núbios em Askut é muito baixa, compreendendo cerca de 3% do total. No Segundo

Período Intermediário, quando o Egito perdeu o controle sobre a Núbia e Askut foi controlada pelo reino de Kerma, potes núbios compreendem cerca de 13% do total. No Reino Novo, como já mencionado, a proporção de potes núbios é de cerca de 10% do total (Smith, 2003, p. 116).

Os tipos de vasilhas encontradas, tanto egípcias quanto núbias, indicam uma variedade de práticas relacionadas aos atos de armazenar, preparar e servir alimentos (fig. 3). Potes utilizados em diversos serviços são majoritariamente egípcios, podendo ser importados ou feitos localmente (Garnet, 2014, p. 62; Budka, 2017b, p. 152). É interessante notar, pelo contrário, que entre os 10% de potes núbios, a maioria consiste em potes para cozimento e preparação de comida (Smith, 2003, p. 118; Budka & Doyen, 2012, p. 188; Rose, 2012, p. 26, 2017, p. 471).

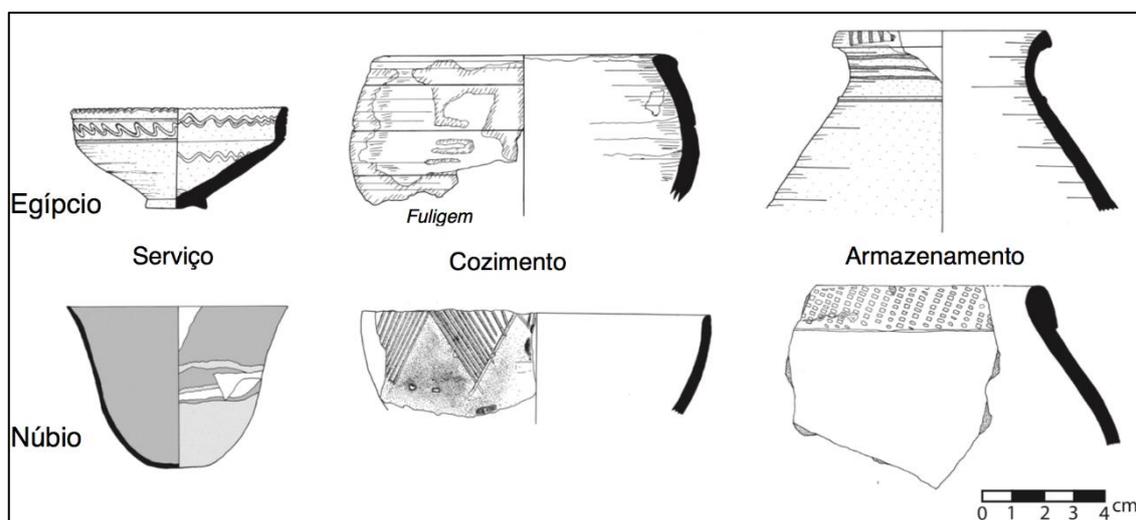


Fig. 3 – Tipos cerâmicos egípcios e núbios da fortaleza de Askut.
Fonte: Adaptação de Smith (2003, p. 116), cortesia de S.T. Smith

Resistência cultural, gênero e alimentação

A permanência, em contextos de dominação, de cerâmica núbia em cenários privados e ligados à alimentação serve como indício para a montagem de um quadro mais complexo das relações étnicas locais e da resistência cultural frente à egípcianização. Se postas ao lado dos dados funerários referentes às elites núbias associadas à administração imperial local, a cultura material utilizada no armazenamento, preparo e serviço de alimentos permite ainda a percepção do papel dos grupos subalternos nesses processos de resistência à aculturação na vida cotidiana. Mesmo que a quantidade de potes de cerâmica núbia encontrada

em sítios como Askut seja baixa, o levantamento feito por Smith (2003, 189) demonstra que praticamente toda a cerâmica relacionada ao preparo de alimentos naquele sítio era de estilo núbio.

Considerando a divisão sexual do trabalho como um dos principais *locus* da produção de gênero (Biroli, 2018, p. 23), é importante lembrar que, tanto no Egito como na Núbia, o trabalho doméstico era um marcador do gênero feminino. Isso faz com que a questão da resistência cultural à egípcianização só possa ser corretamente analisada através da chave de leitura da interseccionalidade ou consubstancialidade das relações sociais.

Os conceitos de interseccionalidade (Crenshaw, 1989) e consubstancialidade (Kergoat, 2009) foram desenvolvidos por acadêmicas feministas para compreender a interrelação entre diferentes tipos de exploração e opressões sociais, marcadamente relacionadas a gênero, raça e classe. Embora mais conhecido, o conceito de interseccionalidade já foi criticado por não partir das relações sociais fundamentais em toda sua complexidade e dinâmica (Hirata, 2014, p. 65). Portanto, trabalharemos com o conceito de consubstancialidade, definido por Kergoat (2010, p. 94) da seguinte maneira:

[...] as relações sociais são consubstanciais; elas formam um nó que não pode ser desatado no nível das práticas sociais, mas apenas na perspectiva da análise sociológica; e as relações sociais são coextensivas: ao se desenvolverem, as relações sociais de classe, gênero e “raça” se reproduzem e se coproduzem mutuamente.

A associação ao gênero feminino, através da divisão sexual do trabalho que atribuía naquela sociedade o trabalho doméstico reprodutivo basicamente às mulheres, e à raça, compreendida aqui como identidade construída sócio-historicamente e, portanto, ligada à etnicidade núbio, mostra parte deste nó de relações consubstanciais. A questão da classe pode ser compreendida na comparação com as representações funerárias dos chefes núbios a serviço da administração imperial faraônica.

As tumbas de núbios associados ao alto serviço imperial, como Djehuty-hotep e Hekhanefer, foram suficientemente estudadas (Simpson 1963; Säve-Söderbergh 1991; Säve-Söderbergh & Troy, 1991; Lemos & Vieira, 2014; Vieira, 2017) e demonstram um alto grau de egípcianização. Nelas, os chefes núbios são

representados como egípcios, seguindo os cânones artísticos e funerários oficiais da elite faraônica. A compreensão de que a adoção de costumes e representações egípcios/egipcianizantes foi utilizada como ferramenta pelos chefes núbios para garantir seu poder local desvela o caráter de classe da resistência cultural das mulheres através da manutenção das tradições e da cultura material doméstica ligada à culinária.

A incorporação de elementos da cultura egípcia pelos grupos dominantes na Núbia pode ser constatada, por exemplo, na modificação dos objetos de cerâmica fina em Askut. A ligação das práticas culinárias a grupos populares ou subalternos, por outro lado, é entendida como elemento central na conservação da cultura nativa. Segundo Smith (2003, p. 192, 204),

[...] uma vez que as formas culinárias são menos suscetíveis a pressões externas, elas devem fornecer às mulheres de Askut meios de manter elementos-chave dos modos de vida dentro da domesticidade. [...] Num contexto de domínio colonial, expressões de modo de vida “tradicionais” podem representar uma forma de resistência à hegemonia imperial e cultural. [...] A manutenção de formas culinárias núbias [...] pode representar uma estratégia sutil de resistência [...].

Não é apenas a cultura material do cotidiano que aponta o papel feminino e subalterno na resistência cultural. Os vestígios funerários encontrados no cemitério de Tombos também ajudam a contar essa história. Durante o Reino Novo, a necrópole de Tombos foi fortemente marcada pela presença de diversos traços culturais egípcios, como pirâmides, mumificação, amuletos, *shabtis* e o posicionamento dos corpos enterrados (Smith e Buzon 2017). Uma análise tradicional apontaria para a ocupação de uma população egípcia no local. A bioarqueologia, todavia, desvela um quadro diferente.

As medições craniológicas feitas por Buzon (2008) estabeleceram um quadro demográfico do sítio de Tombos considerando diferenças étnicas e sexuais. Os resultados indicaram um equilíbrio entre o número de indivíduos egípcios e núbios enterrados no local, apontando para o uso de força de trabalho nativa. A autora ainda afirma que a convivência nessa fronteira étnica era relativamente pacífica, considerando a baixa recorrência de traumas e ferimentos.

O papel feminino na resistência cultural nativa confirma as afirmações apoiadas nos dados de Askut. No cemitério hegemonicamente egípcio de Tombos, diversos corpos femininos núbios mantinham o posicionamento flexionado, tradicional na cultura funerária núbia e contrário aos corpos estendidos usados pelos egípcios (Buzon, 2008, p. 173-174).

Conclusão

As interpretações tradicionais da relação entre egípcios e núbios no período que abordamos foram fortemente marcadas pelo preconceito racial e pela narrativa civilizacional europeia difundida pelas ciências humanas e sociais do século XIX. A sociedade faraônica, embranquecida e afastada de suas raízes africanas, foi associada ao surgimento da civilização e a valores positivados na Europa, como o letramento, as belas artes, a espiritualidade e o próprio conservadorismo. Os núbios, por outro lado, estavam “condenados” pela cor de sua pele (Fanon, 1979). Conseqüentemente, foram retratados como povos culturalmente inferiores, condição justificada para povos que não se expressavam por meio da linguagem escrita e donos de uma cultura material aparentemente menos complexa. Este cenário fez com que as relações entre egípcios e núbios durante o Reino Médio e o Reino Novo fossem entendidas através de um modelo rígido no qual a aculturação emulava a ação branca europeia na África do fim do século XIX a meados do XX. Uma cultura superior instalava-se, levando ao desaparecimento de uma cultura inferior.

Felizmente, um estudo mais aprofundado dos vestígios do passado e guiado por uma perspectiva teórica crítica e antirracista possibilitou a montagem de um cenário bem mais complexo de relações sociais em contextos de fronteiras étnicas. A ênfase na cultura material associada às práticas alimentares, com base no tipo de cerâmica e sua distribuição, mostra como determinadas práticas nativas resistiram ao processo de egípcianização característico da realidade de domínio imperial faraônico.

Entender a produção e uso dos objetos associados ao armazenamento, preparo e serviço de alimentos à luz de uma perspectiva consubstancial das relações sociais é fundamental para complexificar o quadro das relações entre egípcios e núbios no contexto de ocupação imperial. A vantagem é que, dessa

maneira, tal quadro pode ser compreendido passando pelo nível administrativo imperial até o chegar às relações sociais capilares dadas nas práticas cotidianas de alimentação, que conservam as identidades culturais nativas.

Especialmente quando comparados aos registros funerários dos chefes núbios associados a altos postos da administração imperial, os vestígios cotidianos das práticas alimentares permitem perceber que a cultura egípcia foi apropriada conscientemente e de formas distintas de acordo com os interesses e possibilidades determinados pelas condições de raça, gênero e classe.

Ressaltar o protagonismo núbio no cenário de domínio imperial e imposição cultural nos parece um passo fundamental no caminho de desconstruir as interpretações tradicionais e anacrônicas que associam a relação Egito-Núbia na Antiguidade àquela entre europeus e africanos no mundo contemporâneo. Se tal tradição serviu para reproduzir o racismo pseudo-científico e a opressão de negras e negros por todo mundo, cabe a nós a tarefa de assentar mais uma pedra na fundação de uma ciência que trabalhe para o fim das opressões de gênero, raça e classe.

Artigo recebido em 14.02.2019, aprovado em 04.03.2019.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adams, W.Y. *Nubia: Corridor to Africa*. Princeton: Princeton University Press, 1977.

_____. A century of archaeological salvage, 1907–2007. *Sudan & Nubia*, 11, 2007, p. 48-56.

Anthony, F.B. *Foreigners in Ancient Egypt. Theban Tomb Paintings from the Early Eighteenth Dynasty*. London: Bloomsbury, 2016.

Auenmüller, J.; White, H.; Spencer, N. Copper-Alloy Workshop Remains at Amara West (Sudan) – Archaeological and Scientific Investigations. Paper presented to the 14th International Conference for Nubian Studies, Paris, 10-15 September 2018. Available online: <https://www.louvre.fr/sites/default/files/medias/medias_fichiers/fichiers/pdf/louvre-brochure-14eme-congres-international-des-etudes-nubiennes-2018-en-anglais.pdf>. Accessed: 10 Feb. 2019.

Biroli, F. *Gênero e Desigualdades. Limites da Democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

Bourdieu, P. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. *La Distinction: Critique Sociale du Jugement*. Paris: Éditions de Minuit, 1979.

Budka, J. The New Kingdom Town on Sai Island – Establishing the date of its foundation: Potential and limits of ceramic studies. *Cahiers de Recherches de l'Institut de Papyrologie e d'Égyptologie de Lille*, vol. 30, 2016, p. 45-63.

_____. Life in the New Kingdom Town of Sai Island: Some new perspectives. In: Spence, N.; Stevens, A.; e Binder, M. (eds) *Nubia in the New Kingdom: Lived Experience, Pharaonic Control and Indigenous Traditions*. Leuven: Peeters, 2017a, p. 429-448.

_____. (ed.) *Across Borders I: The New Kingdom Town of Sai Island, Sector SAV1 North*. Vienna: Österreichische Akademie der Wissenschaften, 2017b.

Budka, J.; Doyen, F. Life in New Kingdom towns in Upper Nubia – New evidence from recent excavations on Sai Island. *Ägypten und Levante*, vol. 22/23, 2012, p. 167-208.

Buzon, M. A Bioarchaeological perspective on Egyptian colonialism in Nubia during the New Kingdom. *The Journal of Egyptian Archaeology*. vol. 94, 2008, p. 165-181.

Cardoso, C.F.S. Ideologia e literatura no Antigo Egito: O Conto de Sanehet. In *Sete Olhares Sobre a Antiguidade*. Brasília: Editora da UnB, 1994, p. 121-159.

_____. O Relatório De Unamon. *Phoînix*, vol. 6, 2000, p. 106-135.

Cartwright, C.; Ryan, P. Archaeobotanical research at Amara West in New Kingdom Nubia. In: Spencer, N.; Stevens, A.; Binder, M. (eds) *Nubia in the New Kingdom: Lived Experience, Pharaonic Control and Indigenous Traditions*. Leuven: Peeters, 2017, p. 271-286.

Crenshaw, K. Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*, vol. 1989, n. 1, 1989, p. 139-167.

Černý J. *A Community of Workmen at Thebes in the Ramessid Period*. Cairo: Institut Français d'Archéologie Orientale, 2004.

Dalton, M. Reconstructing lived experiences of domestic space at Amara West: Some preliminary interpretations of ancient floor deposits using ethnoarchaeological and micromorphological analyses. In Spencer, N.; Stevens, A.; Binder, M. (eds) *Nubia in the New Kingdom: Lived Experience, Pharaonic Control and Indigenous Traditions*. Leuven: Peeters, 2017, p. 357-388.

Darby, W.J.; Ghalioungui, O.; Grivetti, L. *Food: The Gift of Osiris*. London: Academic Press, 1977.

Doherty, S. *Amara West 2013: Faience Production in the Town?*, 2013. Available online:

<<https://britishmuseumamarawestblog.wordpress.com/2013/02/13/amara-west-2013-faience-production-in-the-town/>>. Accessed: 10 Feb. 2019.

Emery, W.; Kirwan, L.P. *The Excavations and Survey Between Wadi el-Sebua and Adindan*. Cairo: Government Press, 1935.

Emery, W.; Smith, H.S.; Millard, A. *The Fortress of Buhen: The Archaeological Report*. London: Egypt Exploration Society, 1979.

Fanon, F. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

Firth, C.M. *The Archaeological Survey of Nubia, Report for 1908-1909*. Cairo: Government Press, 1912.

_____. *The Archaeological Survey of Nubia, Report for 1909-1910*. Cairo: Government Press, 1915.

_____. *The Archaeological Survey of Nubia, Report for 1910-1911*. Cairo: Government Press, 1927.

Flammini, R. Configuraciones sociopolíticas en una coyuntura de descentralidad estatal: El Segundo Período Intermedio en el antiguo Egipto (c.1800-1530 a.C.). In: Dell'Elicine, E. et al. (orgs) *Pensar el Estado en las Sociedades Precapitalistas. Pertinencia, Límites y Condiciones del Concepto de Estado*. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2012, p. 19-50.

Freier, E. Zu einigen Leipziger Totenstatuetten, *Altorientalische Forschungen*, 20, 1993, p. 3-19.

Frizzo, F. *Estado, Império e Exploração Econômica no Egito do Reino Novo*. Tese de doutorado em História Social. Universidade Federal Fluminense, 2016.

Gabolde, L. Reexamen des jalons de la presence de la XVIIIe dynastie naissante à Saï. In: Doyen, F.; Devauchelle (eds) *Fouilles Sur l'Île de Saï (Soudan) 2005-2010. Cahiers de Recherches de l'Institut de Papyrologie et d'Égyptologie de Lille*, vol. 29, 2012, p. 115-137.

Garnet, A. Making and using pottery. In: Spencer, N.; Stevens, A.; Binder, M. (eds) *Amara West: Living in Egyptian Nubia*. London: British Museum Press, 2014, p. 62-63.

Habachi, L. Königssohn von Kusch. In: Helck, W. et al. (eds) *Lexikon der Ägyptologie 3*. Wiesbaden: Harrassowitz, 1980, p. 630-640.

Hirata, H. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social*, vol. 26, n. 1, 2014, p. 61-73.

Kemp, B.J. Fortified towns in Nubia. In: Ucko, P. (ed.) *Man, Settlement and Urbanism*. London: Duckworth, 1972, p. 657-680.

_____. Imperialism and empire in New Kingdom Egypt. In: Gamsey, P.D.A.; Whittaker, C.R. (eds) *Imperialism in the Ancient World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978, p. 7-57.

_____. The Amarna Workmen's Village in retrospect. *Journal of Egyptian Archaeology*, 73, 1987, p. 21-50.

_____. *Ancient Egypt: Anatomy of a Civilization*. 2nd Edition. London: Routledge, 2006.

Kergoat, D. Dynamique et consubstantialité des rapports sociaux. In: Dorlin, E. (ed.) *Sexe, Race, Classe: Pour Une Épistémologie de la Domination*. Paris: Presses Universitaires de France, 2009, p. 111-125.

Lemos, R.; Vieira, F. Práticas mortuárias no Egito e na Núbia sob o Reino Novo Egípcio: Avaliando o emaranhamento cultural na África antiga. *Revista de Ciências Humanas*, vol. 14, n. 2, 2014, p. 302-325.

Lemos, R. Materiality and cultural reproduction in non-elite cemeteries. In Maynard, É.; Velloza, C.; Lemos, R. (eds) *Perspectives on Materiality in Ancient*

Egypt: Agency, Cultural Reproduction and Change. Oxford: Archaeopress, 2018, p. 24-34.

Minault-Gout, A. Les installations du début du Nouvel Empire à Saï: Un état de la question. In: Gratien, B. (ed.) *Mélanges Offerts à Francis Geus. Cahiers de Recherches de l'Institut de Papyrologie et d'Égyptologie de Lille*, vol. 26, 2007, p. 275-293.

Minor, E. The use of Egyptian and Egyptianizing material culture in Nubian burials of the Classic Kerma Period. PhD Thesis in Near Eastern Studies, University of California, Berkeley.

Morris, E. *Ancient Egyptian Imperialism*. Oxford: Willey-Blackwell, 2018.

Näser, C. Structures and realities of the Egyptian presence in Lower Nubia from the Middle Kingdom to the New Kingdom. In: Spencer, N.; Stevens, A.; Binder, M. (eds) *Nubia in the New Kingdom: Lived Experience, Pharaonic Control and Indigenous Traditions*. Leuven: Peeters, 2017, p. 557-574.

Rabo, S.A. Fishing around Amara West. In: Spencer, N.; Stevens, A.; Binder, M. (eds) *Amara West: Living in Egyptian Nubia*. London: British Museum Press, 2014, p. 56-57.

Randall-Maciver, D.; Woolley, L. *Buhen*. Philadelphia: University of Pennsylvania Museum, 1911.

Reisner, G. *The Archaeological Survey of Nubia, Report for 1907- 1908*. Cairo: National Printing Department, 1910.

Rose, P. Early 18th Dynasty Nubian pottery from the site of Sesebi, Sudan. In: Fostner-Müller, I.; Rose, P. (eds) *Nubian Pottery From Egyptian Cultural Contexts of the Middle and Early New Kingdom*. Vienna: Österreichischen Archäologischen Institutes, 2012, p. 13-30.

_____. Sesebi: Ceramics, chronology and society. In: Spencer, N.; Stevens, A.; Binder, M. (eds) *Nubia in the New Kingdom: Lived Experience, Pharaonic Control and Indigenous Traditions*. Leuven: Peeters, 2017, p. 465-474.

Ruffer, A. *Food in Egypt*. Le Caire: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1919.

Ryan, P. From raw resources to food processing: Archaeobotanical and ethnographic insights from Amara West and present day Ernetta Island in North Sudan. In: Steel, L.; Zinn, K. (eds) *Exploring the Materiality of Food "Stuffs": Archaeological and Anthropological Perspectives*. London: Routledge, 2017, p. 15-38.

Säve-Söderbergh, T. *Ägypten und Nubien: Ein Beitrag zur Geschichte altägyptischer Aussenpolitik*. Lund: Hakan Ohlssons Boktryckeri, 1941.

_____. The Scandinavian Joint Expedition to Sudanese Nubia. København: Kongelige Danske Videnskabernes Selkab, 1979.

_____. Teh-Khet. The cultural and sociopolitical structure of a Nubian principedom in Tuthmoside times. In: Davies, W. (ed.) *Egypt and Africa: Nubia From Prehistory to Islam*. London: British Museum Press, 1991, p. 186-194.

Säve-Söderbergh, T.; Troy, L. *New Kingdom Pharaonic Sites: The Finds and the Sites*. Partille: Paul Åstrom, 1991.

- Schiff Giorgini, M. *Soleb III. Le Temple: Description*. Caire: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1988.
- Simpson, W. K. *Heka-Nefer and the Dynastic Material from Toshka and Armina*. New Haven: Peabody Museum of Natural History of Yale University, 1963.
- Smith, S.T.; Buzon, M. Colonial encounters at New Kingdom tombs: Cultural entanglement and hybrid identity. In: Spencer, N.; Stevens, A.; Binder, M. (eds) *Nubia in the New Kingdom: Lived Experience, Pharaonic Control and Indigenous Traditions*. Leuven: Peeters, 2017, p. 615-630.
- Smith, S.; Buzon, M. The fortified settlement at Tombos and Egyptian colonial strategy in New Kingdom Nubia. In: Budka, J.; Auenmüller, J. (eds) *From Microcosm to Macrocism. Individual Households and Cities in Ancient Egypt and Nubia*. Leiden: Sidestone Press, 2018, p. 205-226.
- Smith, S.T. *Askut in Nubia: The Economics and Ideology of Egyptian Imperialism in the Second Millennium B.C.* London: Kegan Paul International, 1995.
- _____. *Wretched Kush: Ethnic Identities and Boundaries in Egypt's Nubian Empire*. London: Routledge, 2003.
- _____. Nubia: Coming out of the shadow of Egypt. *Journal of Ancient Egyptian Interconnections*, 6(1), 2014, p. 1-4.
- Spence, K. Sesebi before Akhenaten. In: Spencer, N.; Stevens, A.; Binder, M. (eds) *Nubia in the New Kingdom: Lived Experience, Pharaonic Control and Indigenous Traditions*. Leuven: Peeters, 2017, p. 449-464.
- Spence, K. *et al.* Sesebi 2011. *Sudan & Nubia*, 15, 2011, p. 34-38.
- Spencer, N. Creating and re-shaping Egypt in Kush: Responses at Amara West. *Journal of Ancient Egyptian Interconnections*, vol. 6, n. 1, 2014, p. 42-61.
- _____. Building on new ground: The foundation of a colonial town at Amara West. In: Spencer, N.; Stevens, A.; Binder, M. (eds) *Nubia in the New Kingdom: Lived Experience, Pharaonic Control and Indigenous Traditions*. Leuven: Peeters, 2017, p. 323-356.
- Spencer, N.; Stevens, A.; Binder, M. Introduction: History and the historiography of a colonial entanglement, and the shaping of new archaeologies for Nubia in the New Kingdom. In: Spencer, N.; Stevens, A.; Binder, M. (eds) *Nubia in the New Kingdom: Lived Experience, Pharaonic Control and Indigenous Traditions*. Leuven: Peeters, 2017, p. 1-61.
- Steindorff, G. *Aniba I*. Glückstadt: J.J. Agustin, 1935.
- _____. *Aniba II*. Glückstadt: J.J. Agustin, 1937.
- Stevens, A. Female figurines and folk culture at Amara West. In: Spencer, N.; Stevens, A.; Binder, M. (eds) *Nubia in the New Kingdom: Lived Experience, Pharaonic Control and Indigenous Traditions*. Leuven: Peeters, 2017, p. 407-428.
- Tallet, P. Food in ancient Egypt. In: Nadeau, R.; Wilkins, J. (eds) *A Companion to Food in the Ancient World*. Oxford: Willey-Blackwell, 2015, p. 319-325.

Török, L. *Between Two Worlds: The Frontier Region between Ancient Nubia and Egypt 3700 BC-500 AD*. Leiden: Brill, 2009.

Trigger, B. *History and Settlement in Lower Nubia*. New Haven: Department of Anthropology, Yale University, 1965.

Van Pelt, W.P. Revising Egypto-Nubian relations in New Kingdom Lower Nubia: From Egyptianization to cultural entanglement. *Cambridge Archaeological Journal*, vol. 23, n. 3, 2013, p. 523-550.

Vercoutter, J. Ancient Egyptian influence in the Sudan. *Sudan Notes and Records*, 40, 1959, p. 8-18.

_____. La XVIIIe dynastie à Saï et en Haute-Nubie. *Cahiers de Recherche de l'Institut de Papyrologie et d'Égyptologie de Lille*, 1, 1973, p. 7-38.

_____. Excavations at Sai 1955-7. A preliminary report, *Kush*, 6, 1958, p. 144-169.

Vercoutter, J. *et al. Mirgissa II. Les Nécropoles*. Paris: CNRS, 1975.

Vieira, F.A. *Os Filhos da Núbia. Etnicidade e Deslocamentos Culturais na África Antiga sob a XVIII Dinastia Egípcia*. Dissertação de mestrado em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

_____. Agency and representation of Nubians in Egyptian iconography in the 18th Dynasty: Ethnic strategies and negotiations. In: Maynard, É.; Velloza, C.; Lemos, R. (eds) *Perspectives On Materiality in Ancient Egypt: Agency, Cultural Reproduction and Change*. Oxford: Archaeopress, 2018, p. 99-110.

Vieth, J. Urbanism in Nubia and the New Kingdom temple towns. In: Budka, J.; Auenmüller, J. (eds) *From Microcosm to Macrocosm. Individual Households and Cities in Ancient Egypt and Nubia*. Leiden: Sidestone Press, 2018, p. 227-238.

Williams, B. *Excavations Between Abu Simbel and the Sudan Frontier, Part 6: New Kingdom Remains From Cemeteries R, V, S, and W at Qustul and Cemetery K at Adindan*. Chicago: Oriental Institute, 1992.